

COMUNICAMAZÔNIA: O JORNAL MURAL COMO FERRAMENTA DE EDUCOMUNICAÇÃO EM COMUNIDADES RIBEIRINHAS DA AMAZÔNIA¹

COMUNICAMAZÔNIA: THE WALL NEWSPAPER AS A COMMUNICATION TOOL EDUCOMMUNICATION IN RIVERSIDE COMMUNITIES IN THE AMAZON

LILIAN SABACK²

GIOVANA SARGENTELLI³

RESUMO

Este artigo faz o registro da experiência de educomunicação com populações ribeirinhas da Amazônia, a partir do ensino da produção de jornais murais nas escolas locais. O trabalho é fruto de uma pesquisa-ação realizada a partir da participação de uma das autoras no Projeto Doutores das Águas, em abril de 2024. O trabalho se apoia no conceito de educomunicação com a criação de uma apostila sobre gêneros jornalísticos, para crianças e adolescentes ribeirinhos, capaz de provocar o posicionamento crítico de comunidades invisíveis ao Estado.

Palavras-chave: Educomunicação; Amazônia; Ribeirinhos; Jornal Mural; Gêneros Jornalísticos

Introdução

O objetivo deste artigo é contribuir para o debate sobre o uso do jornal mural como ferramenta de educomunicação nas populações ribeirinhas da Amazônia. O trabalho é resultado da experiência realizada por uma das autoras, no ano em que concluiu o curso de jornalismo, como coordenadora da área de educação socioambiental do Projeto Doutores das Águas, entre os dias 17 e 29 de abril de 2024. O intuito da iniciativa foi provocar o pensamento e olhar crítico dos jovens que convivem com o isolamento geográfico, a partir do ensino da produção de jornais murais nas escolas locais. O presente estudo apresenta o processo de elaboração de uma apostila com oficinas de gêneros jornalísticos para crianças e adolescentes. O processo é amparado na metodologia da pesquisa-ação, como ensina Cicilia Peruzzo: “o pesquisador não só compartilha do ambiente investigado, mas também possibilita que o investigado participe do processo de realização da pesquisa e que os resultados revertam em benefício para o próprio grupo investigado” (2005, p. 126).

1 Artigo derivado de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Jornalismo, orientado pela professora Lilian Saback e entregue em julho de 2024.

2 Doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ em cotutela com ISCTE-IUL, Professora e Coordenadora de Extensão do Departamento de Comunicação da PUC-Rio. E-mail: lilian.saback@gmail.com.

3 Jornalista, graduada pela PUC-Rio. Voluntária e Coordenadora de campo da Educação Socioambiental do Projeto Social Doutores das Águas (2024). E-mail: giosargentelli@gmail.com.

O Projeto Doutores das Águas é uma organização social, sem fins lucrativos, que leva atendimento médico, odontológico e educacional para comunidades ribeirinhas na Amazônia. Uma vez ao ano, o projeto organiza uma expedição em um barco ambulatório com duração de um mês. A viagem tem duas etapas, a primeira atende nove comunidades, em sua maioria no estado de Roraima, e a segunda em sete no estado do Amazonas.

Nas atividades da equipe de educação, o dia começa com palestras para os adultos sobre cuidados com a saúde, higiene bucal, descarte/decomposição do lixo, nutrição e preservação ambiental. Os voluntários aplicam dinâmicas lúdicas como teatro, trabalhos manuais e brincadeiras com as crianças e adolescentes ao longo do dia para reforçar estes assuntos. Na expedição de abril, pela primeira vez, foram aplicadas atividades que exploram o universo da comunicação, uma vez que os meios pelos quais chegam as informações para essa população são comprometidos.

No texto "O papel do(a) educador(a) na comunicação comunitária", Danielle Próspero e Paola Prandini afirmam que, de maneira geral, qualquer ação educacional precisa compreender ao menos um de três princípios básicos, sendo eles: 1- educação para e pela comunicação, estimulando o olhar infanto-juvenil crítico sobre os veículos comunicativos e as informações que chegam ao universo deles, por um lado; e o uso de suas linguagens e ferramentas por meio de práticas e atividades autorais, por outro lado, com estímulo ao senso criativo e autônomo frente aos meios; 2 - incentivo ao protagonismo de crianças e adolescentes, para o desenvolvimento de ações independentes e autônomas, promovendo a capacidade de contornar os problemas por soluções próprias; 3 - quebrar princípios da estrutura rígida e verticalizada do sistema educacional tradicional, por meio da gestão e circulação democrática da informação e do conhecimento, que tem o objetivo de estabelecer relações de poder horizontais em instituições provedoras de conhecimento e ensino.

O projeto estimula a produção e o protagonismo dos próprios veículos de comunicação comunitários. A apostila foi elaborada com o intuito de desenvolver um documento com atividades para serem aplicadas, pelas professoras das escolas locais ao longo do ano, estimulando a autonomia destas intuições, dos educadores e dos alunos. Todo o trabalho foi baseado e elaborado a partir da compreensão da educação como o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, tais como escolas, centros culturais, emissoras de TV e de rádio educativas, centros produtores de materiais educativos analógicos e digitais, centros de coordenação de educação à distância e outros (Soares, 2002).

O formato do projeto é uma apostila com oficinas sobre gêneros jornalísticos (Melo e Assis, 2016), para a construção de um jornal mural nas instituições de ensino. A apostila apresenta duas oficinas a cada mês, uma para a aplicação e o ensino do gênero textual em questão e a outra para a montagem do jornal mural com os trabalhos desenvolvidos pelos alunos. As oficinas vão do mês de maio a dezembro, com uma aula inaugural em abril aplicada pela equipe de educação socioambiental do projeto Doutores das Águas. Os gêneros jornalísticos abordados são: entrevista, tirinhas/charges, reportagem, nota, crônica e um diário de férias. A cada oficina há também uma alternativa para as crianças não alfabetizadas, com a inclusão de desenho como uma forma de expressão e comunicação. Para a realização das oficinas, ocorreu uma reunião

com professores de cada comunidade para apresentar o projeto, ver a viabilidade, moldar da melhor maneira que cabia ao local e poder trocar conhecimento.

Neste texto, apresentamos a seguir um resumo do conteúdo da apostila. Na sequência, as primeiras impressões de como o trabalho foi recebido por professores e alunos e, nas considerações finais, discute-se como o jornal Mural comunitário se torna uma ferramenta de transformação social.

Apostila Comunicamazônia

O Jornal Mural aparece como uma forma simples de criar um veículo de comunicação próprio da comunidade, de trazer as informações do dia a dia aos moradores e criar uma forma de documentação da história da região. É um espaço para compartilhar informações, utilizado em escolas, empresas e comunidades. Pode ser feito como um cartaz no qual seja possível colar textos, fotos, desenhos e comunicados, e fique com boa visibilidade.

O espaço vai conter diferentes trabalhos das crianças e adolescentes mostrando fatos que acontecem no dia a dia comunitário. O diferencial está na facilidade da execução e na visibilidade das informações, que ficam expostas em locais de circulação para que a maioria dos moradores possa ter acesso ao conteúdo. Os materiais para a execução do projeto são de corte e colagem. Folha de caderno, ou folha A4 para os alunos executarem as atividades. Cartolina ou papel Kraft para colar e unir os trabalhos. Lápis grafite e de cor.

É importante que fique em um local estratégico da escola ou da comunidade com visibilidade. A função do Jornal Mural é informar, estimular a comunicação, a escrita, a leitura e gerar senso crítico entre os alunos e a comunidade. Ele é uma forma de promover o diálogo e o debate no colégio no espaço comunitário. Como foi dito anteriormente, a ideia do projeto é que ocorram duas oficinas por mês, de maio a dezembro de 2024.

Início das oficinas

A oficina inaugural foi realizada no final de abril pela equipe de Educação Socioambiental dos Doutores das Águas. Uma das oficinas do mês é voltada para a execução do conteúdo e a outra para montagem e atualização do Jornal Mural. As aulas exploram as formas de comunicar e os gêneros jornalísticos. Os gêneros jornalísticos são diferentes formas de texto, no qual são abordados acontecimentos do dia a dia, e que aparecem em seções dos jornais ou revistas. O cronograma das oficinas abordará gêneros informativos como notícia, reportagem, entrevista e nota, além de gêneros opinativos como crônicas e tirinhas. Cada modelo terá sua respectiva explicação em cada oficina.

Antes de começar é importante fazer as seguintes perguntas aos alunos: Como chega a informação na comunidade? O que é comunicar? Qual a importância de comunicar? Após o questionamento, há uma atividade lúdica, a brincadeira do “telefone sem fio”. A turma deve sentar-se em roda e ir passando no ouvido de um em um a informação que o primeiro construiu sem que os outros integrantes escutem. O último a ouvir a frase deve falar em voz alta. O objetivo

é demonstrar aos alunos como é importante ter profissionais que registram os fatos para não ficar no boca-boca e como é importante sempre checar a fonte.

A segunda atividade é a brincadeira do campo minado. A turma é separada em grupos. Um integrante de cada grupo é vendado. Este deve atravessar um caminho, para alcançar a linha de chegada. Ele deve chegar ao final sem esbarrar nos obstáculos que estarão ao longo do caminho. A equipe precisa guiá-lo, dizendo por onde o integrante deve andar. Todos precisam passar pela brincadeira com a venda nos olhos. Ganha a equipe que tiver menos erros. O objetivo desta dinâmica é demonstrar a importância de se comunicar da melhor forma possível.

Após as atividades, o professor pode questionar os alunos: O que é notícia? Como se passa uma notícia? Qual a importância de noticiar? Quais são os elementos principais de uma notícia? É importante mostrar um exemplo de jornal, TV ou internet. Após as perguntas, pede-se aos alunos que eles façam um desenho sobre algo recente. A atividade pode ser feita em grupos e cada grupo produzirá um desenho. Pode ser algo que aconteceu dentro de casa, na família, com o vizinho, com a floresta/animais, na igreja, na comunidade, na escola. Algo que chamou a atenção deles por ser inusitado/novo no espaço da comunidade. Com os desenhos, um banner é montado em uma cartolina, há legendas explicando os fatos descritos por eles e é feito um protótipo do "Jornal Mural" para servir de exemplo.

A entrevista na prática

A oficina de maio abordará a entrevista. Para iniciar o ensino sobre os gêneros jornalísticos, é importante entender o conceito de pauta. Os professores podem questionar os alunos: O que é uma pauta? A pauta é o assunto que o jornalista vai trabalhar. Ela é a orientação que os repórteres recebem descrevendo que tipo de reportagem será feita, com quem deverão falar, onde e como. O que é uma entrevista? Entrevista é uma conversa entre duas ou mais pessoas, na qual perguntas são feitas pelo entrevistador de modo a obter uma ou mais informações necessárias por parte do(s) entrevistado(s). Não há forma certa de escrever uma entrevista, mas é sempre importante pensar no que pode ser interessante/inusitado sobre o entrevistado escolhido.

Na primeira atividade, a professora escolhe algum aluno para entrevistar com quatro perguntas, para exemplificar. Depois, os alunos devem se separar em duplas e fazer quatro perguntas sobre curiosidades que têm sobre o colega. Ao acabar, as crianças devem falar para a classe o que acharam mais importante de contar sobre o entrevistado. Dessa forma, são estimulados a fazer um filtro do que é mais relevante a ser comunicado. Esta atividade pode ser feita pelos que não são alfabetizados, realizando de uma a duas perguntas para apresentar em classe o que foi respondido.

Em uma segunda atividade, cada aluno deve fazer cinco perguntas para alguém da comunidade, que desperte o interesse de alguma forma em cada um. É necessário que haja uma conversa entre os alunos da turma para que os entrevistados não se repitam. Eles devem definir o entrevistado em sala, para que a professora auxilie na elaboração das perguntas. Além das perguntas, eles devem incluir nome completo, idade e função do entrevistado.

O ideal é que os alunos façam perguntas que eles queiram, o que eles querem saber sobre aquela pessoa. Caso estejam com dificuldade do que perguntar, há algumas dicas: Onde você gosta de passear? Qual sua cor predileta? O que você mais gosta de fazer para descansar e se

distrair? Quem é o seu melhor amigo? O que te deixa feliz ou triste? Qual é o seu maior sonho? Com as respostas, as crianças não alfabetizadas podem fazer ilustrações, como o autorretrato. Pode ser um desenho de algo falado na entrevista, que chamou a atenção da criança quando ela ouviu as respostas da entrevista. O desenho é livre, mas deve comunicar algo sobre a entrevista. A segunda oficina de maio, assim como nos outros meses, é voltada para a atualização do jornal mural. Nesta oficina, o ideal é que os alunos exponham os seus trabalhos e montem o Jornal Mural com o resultado das entrevistas.

Para realizar o mural é necessário: Separar uma cartolina, recortar o trabalho dos alunos e colar no mural. Quando estiver pronto, é importante escrever em cima o nome do jornal. Além disso, os alunos podem fazer enfeites para o mural, como molduras ou corte e colagem. O Jornal Mural também pode servir como um espaço de agenda do mês seguinte, com aniversários do próximo mês, horário dos cultos, datas comemorativas. O conteúdo vai de acordo com o que é relevante para a escola e para a comunidade no próximo mês.

Como contar histórias curtas

A oficina de junho tem o objetivo de trabalhar o gênero nota. A primeira atividade é criar uma história. Um dos participantes inicia uma história com uma simples frase como "João acordou cedo" e, em determinado momento, ele interrompe e pede para o outro continuar. Todos deverão participar. A proposta é criar uma história com início, meio e fim. Esta atividade estimula a criatividade e pode ser muito divertida. A professora vai escrevendo na lousa as respostas que vão surgindo e monta a história construída por eles.

A segunda atividade é uma brincadeira sobre a pirâmide invertida. A técnica da pirâmide invertida é um dos elementos mais importantes do texto jornalístico, e a ideia aqui é poder estimular a ideia com os nossos repórteres mirins. A partir desta história, os alunos têm que tentar reescrevê-la a partir do momento que eles acham mais importante da história, sem esquecer dos pontos que foram destacados na lousa. O ideal é que seja uma história bem curta e que não tenha muitos detalhes, para que não fique difícil de executar a tarefa. A ideia é tentar trabalhar de que forma a notícia é dada nos jornais, começando sempre do "ponto principal" do ocorrido e respondendo sempre as perguntas "O quê?", "Quem?", "Quando?", "Como?", "Onde?", "Por quê?" nas primeiras linhas do texto.

As crianças não alfabetizadas podem fazer um desenho que retrate a parte mais importante para eles da história e explicar o porquê. É interessante se os alunos alfabetizados também quiserem fazer um desenho, mas devem fazer o texto e usar o desenho como ilustração. Antes da última atividade, o professor deve questionar a turma: O que é uma nota? Qual a importância da nota? A nota consiste numa informação de rápido consumo, ou seja, um texto curto que fornece as informações básicas sobre algum acontecimento.

Os alunos devem escrever em seis linhas, aplicando a técnica da pirâmide invertida usada na segunda atividade da outra história, algo que aconteceu na comunidade que seja novo e que eles achem que seja uma notícia. O importante nesse texto é que eles expressem o que aconteceu, onde, quando, quem, como e por quê? e dar atualizações de como a situação está no momento. Podem também trabalhar com o desenho, retratar algo que tenha ocorrido na comunidade que tenha chamado a atenção deles.

A segunda oficina de julho é voltada para a execução do Jornal Mural, deixá-lo atualizado e fazer uma agenda das férias. Os professores podem aplicar a oficina para as férias. Os alunos devem contar fatos, curiosidades, novidades que tenham acontecido com eles ou que eles tenham escutado ou percebido ao longo das férias. O texto não precisa seguir nenhuma regra ou técnica, a ideia é estimular a escrita no tempo livre e o hábito de reparar em histórias e fatos no dia a dia.

Registrar o dia a dia com reflexão e/ou humor

A oficina de agosto trabalha a crônica. Na primeira atividade, o(a) professor(a) começa com uma bola, ou outro objeto, e conta um pouco sobre as suas férias e destaca o que mais gostou de fazer ou o que achou de mais diferente/interessante. Depois, passa a bola para algum aluno, que deve fazer o mesmo e, assim, sucessivamente até que chegue ao último aluno. Pode ter sido um jogo de futebol, uma brincadeira nova que aprenderam, uma visita de parentes.

Para a segunda atividade, o (a) professor(a) deve perguntar à turma: O que é uma crônica e qual o objetivo de escrevê-la? A crônica é um gênero textual que registra e relata pequenos acontecimentos da vida cotidiana, em conjunto a uma interpretação pessoal do autor, que pode ser reflexiva e/ou crítica. A crônica narra de forma artística e pessoal fatos do cotidiano. Geralmente é um texto curto e leve.

A ideia desta oficina é que eles elaborem um texto que se assemelhe ao conceito da crônica. Assim, os alunos devem escolher algo das férias que achem mais interessante para contar para a turma e escrevam uma redação sobre o assunto com mais detalhes. A ideia é que eles falem sobre o cotidiano deles. É importante que os alunos exponham suas opiniões e reflexões sobre o que relatam no texto, este é um elemento essencial da crônica. O objetivo destas atividades é estimular os gostos pessoais, o pensamento crítico próprio e do leitor e construir opiniões pessoais. A segunda oficina será para atualização do Jornal Mural.

A oficina de setembro ensina sobre tirinhas e charges. A tirinha é uma pequena sequência de ilustrações em forma de quadrinho. Apresenta de dois a cinco quadrinhos, com uma linguagem simples, trazendo humor e crítica sobre algum assunto. Os quadrinhos também podem contar histórias mais extensas, como é o caso das revistinhas da Turma da Mônica e da Mafalda. É importante mostrar as diferentes formas de tirinhas que podem ir desde um tom somente lúdico (turma da Mônica) a um olhar mais opinativo e crítico (Mafalda e outras Charges). Assim, eles podem ter uma inspiração.

Para oficina em sala, o (a) professor(a) contará uma história curta em que cada um dos alunos deve montar uma tirinha com três quadrinhos relatando algum trecho da história. A tirinha é uma boa alternativa, pois trabalha o desenho e não precisa de falas necessariamente, ou seja, se as crianças que não forem alfabetizadas podem participar das atividades também. Uma dica para a execução do trabalho é começar pelos balões das falas e depois os desenhos. Quem não for alfabetizado, pode também fazer sem os balões. Para a próxima oficina, os alunos devem levar algum fato novo que ocorreu com eles ou que presenciaram.

Na segunda oficina de setembro, os alunos devem contar algo novo que aconteceu com eles ou com a comunidade, que tenha chamado a atenção deles, nas tirinhas. Eles devem narrar um acontecimento em no mínimo cinco quadrinhos de tirinha. As tirinhas têm um teor mais descontraído e podem conter humor, portanto, se quiserem revelar algo que acharam engraçado

também é bem-vindo. Ao finalizarem o trabalho, os alunos já podem montar o Jornal Mural. A sugestão é que eles pintem as tirinhas de lápis de cor, se possível, para ficar colorido o Jornal Mural e captar a atenção dos leitores.

As editorias dos jornais e suas reportagens

A oficina de outubro explora as editorias dos jornais. Todo o jornal ou revista apresenta seções que variam de acordo com o assunto, que são chamadas de editorias. Todos os textos que envolvem arte, por exemplo, vão estar dentro da editoria de Arte ou Cultura (música, desenho, teatro, poesia, dança...) assim como esporte, política, economia, meio ambiente. O jornalista pode se especializar durante a profissão em um assunto que geralmente lhe interesse mais.

Após a explicação sobre editorias, a turma deve ser separada em grupos. Cada grupo vai ter que escolher duas áreas e pensar em algum assunto novo de cada uma para contar à classe. A ideia aqui é que eles pensem em áreas de interesse deles. As seções podem ser: Cultura (livros, música, dança, pinturas/desenhos, poemas), esporte (futebol, vôlei, campeonatos, times, jogos), Meio Ambiente (floresta, árvores, animais, desmatamento), política (líder comunitário, eleições, novas medidas para a comunidade), economia (plantação, pesca, caça, mercadinho, renda da família), moda (roupa, brinco, pulseiras), saúde (agente da saúde, doenças, médicos), religião. Para a segunda atividade, a turma deve ser separada em grupos por área de interesse. Cada grupo vai cuidar de uma seção, ou seja, um grupo para a cultura, um para a política, outro para o esporte etc.

Cada aluno deve escolher um assunto sobre qual que queira escrever, no modelo em que preferir. Se quiser fazer uma redação livre, com a opinião dele sobre o tema, é uma possibilidade. Pode fazer uma tirinha, uma entrevista, uma nota. Não existe a necessidade de buscar por algo novo. A ideia é que os alunos exercitem os próprios gostos e saibam que os assuntos que interessam a eles também podem ser transformados em conteúdo.

A segunda oficina do mês de outubro é para a atualização do Jornal Mural com os trabalhos elaborados na oficina. Uma ideia para este Jornal Mural é separar os textos/desenhos criados por cada aluno nas seções que escolheram com um título grande para cada editoria. Por exemplo, unir os textos de esporte e escrever o título "esporte", e assim continuar com os outros temas. A oficina de novembro vai trabalhar o gênero de reportagem. A primeira atividade é uma brincadeira de desenho às cegas. A turma deve ser separada em grupos e um aluno fica com a função de desenhar. Os outros componentes da equipe devem retirar uma carta, com desenhos simples, e dizer de que forma o aluno deve desenhar, sem que seja falado o desenho em si. Quem está desenhando não pode ver a figura, tem que desenhar de acordo com o que os colegas relatam.

Por exemplo, o desenho é um quadrado. Os alunos que fornecem as instruções podem falar: desenha primeiro uma linha na horizontal, outra linha na horizontal mais em cima e depois fecha o desenho nos lados com duas linhas na vertical. Cada um terá um minuto e trinta segundos para desenhar. Ganha a equipe que acertar mais desenhos dentro do tempo. O objetivo é estimular a comunicação do trabalho em equipe e a união da turma para as atividades seguintes.

Antes da segunda atividade, o (a) professor(a) deve questionar os alunos sobre o que é uma reportagem? Qual o objetivo da reportagem? A reportagem é a atividade jornalística que basicamente consiste em adquirir informações sobre determinado assunto ou acontecimento

para transformá-las em noticiário. A reportagem é um texto mais extenso, com entrevistas com pessoas que tenham vivenciado ou sejam estudiosas sobre determinado assunto. Além disso, é necessário fazer uma pesquisa maior e obter mais detalhes. O objetivo é dar uma perspectiva mais completa e aprofundada sobre um tema específico. A reportagem não precisa necessariamente abordar um fato novo, pode tratar de algo que já tenha ocorrido há mais tempo ou qualquer questão que desperte o interesse de quem vai escrevê-la.

Os alunos devem buscar no mínimo dois entrevistados e descobrir detalhes. Eles devem se separar em funções, ou seja, um faz uma entrevista, o outro busca mais informações pela comunidade. Caso apareça dúvida sobre quais assuntos da comunidade interessam, algumas pautas podem ser trabalhadas nas atividades das oficinas: O torneio de futebol que ocorre nas comunidades ribeirinhas, falta ou aumento de algum animal ou vegetação da região, novidades na igreja, um novo líder comunitário, chegada de atendimentos como o Doutores das Águas ou projetos de cesta básica, formas de plantio ou pesca. Qualquer assunto é válido.

O objetivo é despertar nas crianças e nos adolescentes o olhar de notícia e a importância da comunicação das informações. Como a reportagem é um gênero que demanda mais, a segunda oficina de novembro não será para montar o Jornal Mural, mas sim para finalizar o trabalho. Os alunos devem se reunir para conversar e montar a reportagem a partir do que cada um trouxe (entrevistas, informações, atualizações). Eles podem pedir ajuda ao professor se dificuldades aparecerem. Fica como opção da escola, caso queira montar um Jornal Mural com algum outro trabalho dos alunos ou fazer somente uma agenda para o mês de dezembro. A oficina de dezembro será para a execução do Jornal Mural de fim de ano. O (a) professor(a) pode perguntar para eles como foi, se gostaram de trabalhar com o Jornal Mural. Se não, de que maneira seria mais interessante ou mais divertido? Esta conversa é importante para que eles gostem do que estão fazendo e lidem com o trabalho da escola de forma descontraída.

A segunda atividade é direcionada para a montagem do Jornal Mural com os trabalhos de reportagens. Os alunos também devem escrever um pequeno texto, aqueles que não sabem escrever podem criar um desenho, sobre a oficina que mais gostou. Além disso, os alunos podem deixar este Jornal Mural mais “recheado”, introduzindo curiosidades da comunidade, como por exemplo um “Você sabia?”. Também são bem-vindos textos com um viés mais artístico. Por exemplo, se algum aluno quiser escrever uma canção ou um poema, também pode ser divulgado no Jornal Mural em uma seção de “Artes”, ou se alguém desejar escrever um texto com a opinião sobre o último jogo de futebol que assistiu também é interessante.

Primeiras impressões

Entre as nove comunidades atendidas na primeira etapa dos Doutores das Águas, a primeira vila foi Remanso. A equipe da educação também tem a função de conversar com os professores de cada comunidade e averiguar o estado de cada instituição de ensino. A partir da conversa com duas professoras da região, havia esperança de que o projeto daria frutos. Ambas se mostraram muito interessadas quanto à apostila e à execução do jornal mural. Elas afirmaram que já haviam realizado um jornal mural na escola, mas o projeto acabou esquecido. No entanto, elas afirmaram que receber um material poderia ajudá-las a ter novas ideias. Segundo as professoras,

guiá-las era essencial e, com certeza, iriam levar o projeto adiante. As professoras afirmaram que buscam impulsionar os mais velhos a fazerem faculdade e que, no momento, elas estavam aplicando um projeto de leitura e escrita e que poderiam pensar em introduzi-lo no jornal mural.

Na aula inaugural, o interessante que se repetiu em todas as vilas, sem exceção, foi ao perguntar às crianças se elas sabiam o que era uma notícia, elas respondiam afirmativamente, e que existia uma notícia boa e uma notícia ruim. Ao questionar o que era uma notícia boa, quase todas elas pensavam em dinheiro, em "ganhar na loteria". A notícia ruim, geralmente, era quando uma pessoa próxima morria. A morte para eles foi apresentada como algo mais natural e perto do que seria para muitas crianças.

O que foi possível retirar de cada uma era que a notícia geralmente está relacionada a algo novo que aconteceu, que pode ter sido ruim ou não. Foi solicitado que cada um desenhasse em um painel coletivo a primeira coisa que viesse à cabeça. A maior dificuldade de trabalhar nessas comunidades com as crianças e, principalmente, adolescentes é justamente a comunicação. Eles restringem seus desejos e suas vontades. A maioria apresenta muitas vezes dificuldades para expressar, com palavras, até mesmo o que querem brincar, o que eles mais gostam de fazer no dia a dia.

Caicubi

A segunda comunidade assistida se chama Caicubi. Caicubi é uma comunidade grande comparada às outras, por isso é a única que é atendida por dois dias nesta parte da expedição. Ao falar com a diretora do colégio, ela se mostrou empolgada com o projeto e alimentou a sensação de que fluiria bem. No entanto, relatou as dificuldades que eles enfrentam. A escola recebeu alguns computadores para montar uma sala de informática, mas nunca foram instalados, e as máquinas estão há mais de um ano às moscas. O governo não envia merenda para a escola e eles estão têm que se virar para alimentar os alunos. Em escolas públicas, as famílias dependem das merendas fornecidas às crianças. Com fome, ninguém estuda.

Ela falou como é imprescindível que os pais incentivem os filhos a estudarem e os ajudem nas tarefas enviadas para casa. Porém, muitos são analfabetos, e ela não conseguiu implementar o programa de alfabetização para adultos. A diretora montou uma biblioteca para os alunos, que reúne uma boa quantidade de livros, mas encontra muita dificuldade em receber doações de materiais didáticos e paradidáticos que abordam um conteúdo com a realidade do Norte. A maioria retrata simbologias das regiões Sul ou Sudeste, o que dificulta o ensino e a identificação dos alunos com os tópicos.

De acordo com a professora, as crianças precisam aprender a valorizar o local onde vivem e entender que eles estão rodeados de muita riqueza. Compreender que viver na Amazônia tem muito valor. As crianças ribeirinhas possuem saberes que muitas crianças não têm. Na dinâmica do desenho da oficina inaugural, elas fizeram desenhos lindos e com expressão pessoal e cultural. Uma menina desenhou o novo posto de saúde que tinha sido construído lá, outra a safra de mandioca do último mês, ou seja, notícia.

Cachoeirinha e Canauiní

Depois fomos à Cachoeirinha. Em Cachoeirinha foi possível ter uma boa troca com um professor, que se mostrou interessado. De acordo com o educador, durante o período de dois anos de pandemia os alunos ficaram sem aula, mas quando retornaram à escola estavam duas séries acima. Ou seja, uma criança em período de alfabetização ficou dois anos sem aula e, quando voltou, já estava no terceiro ano do fundamental I. Assim como os adolescentes, que pularam do fundamental II para o ensino médio.

Nas andanças pela comunidade, os voluntários de educação explicaram para as crianças que tudo o que elas contavam sobre a vila era informação nova e como era importante eles documentarem esses conhecimentos. Um menino indagou: “então, tia, para você o Jambo (fruta local) é notícia?”. É impressionante como a conversa se torna bem mais fluida quando se acessa a linguagem do mundo das crianças e se mostra que eles sabem o que outras pessoas não conhecem, e eles se tornam os protagonistas dessas histórias.

Após Cachoeirinha, o barco atendeu Canauiní, onde não foi possível entregar as apostilas ou encontrar com os professores. A escola estava fechada, pois os banheiros estavam sendo reformados. São poucas crianças que vivem em Canauiní, e o trabalho não foi tão proveitoso quanto poderia ter sido.

Terra Preta e Sacaí

O atendimento seguinte foi em Terra Preta. Só foi possível encontrar uma educadora da escola que ministrava aula para crianças muito pequenas, mas a apostila e as informações com contato foram entregues a ela para que pudesse repassar aos outros professores. As crianças em Terra Preta só recebem duas horas de ensino por dia, porque o governo também não tem entregado a merenda. Os desenhos, entretanto, puderam ser realizados. As crianças mais velhas e os adolescentes produziram um painel, e os mais novos fizeram outro. Alguns desenharam a chegada do barco dos Doutores das Águas, outros o aniversário do pastor, outros a nova pintura da igreja etc. Muitos reproduziram no papel a comunidade deles. Em um dos painéis, criaram um painel conjunto no qual cada um desenhou uma parte da vila e contou a história da população. Isto é informação, e é informação veiculada por eles.

Depois de Terra Preta, o barco parou em Sacaí. Assim como Terra Preta, Sacaí não tem professor de ensino médio fixo. Nessas duas comunidades, chega um(a) professor(a) do ensino médio que ensina em 40 dias a matéria de matemática, do ano todo, e depois ele vai para uma próxima vila repassar a mesma metodologia de ensino. Depois, vem o de português, ensina em 40 dias o conteúdo todo, e assim é com as outras matérias. Os professores têm que ensinar tudo e ainda aplicar duas provas para a aprovação dos alunos. Por lá, eles não fazem o Enem e não existe nenhuma preparação para o teste ou qualquer projeção para construir uma carreira.

Em Sacaí, as crianças se separaram em pequenos grupos de três a quatro crianças. Elas quiseram, por elas mesmas, criar uma história a partir do desenho que fizeram. Uma história imaginada por duas meninas tratava como as pessoas jogavam lixo pela comunidade e por que esta atitude deveria ser combatida. Um grupo também elaborou a história de uma ararinha-azul que morava na vila e foi embora. Sozinho, um menino de 5 anos contou aos voluntários a história da Cuca.

Tanauaú, Itaquera e Xixuaú

A próxima comunidade foi Tanauaú. Tanto em Tanauaú quanto em Itaquera, próxima vila, não foi possível aplicar os desenhos tão bem porque as crianças eram muito pequenas. Tanauaú, porém, tinha acabado de ganhar uma escola nova, de madeira, muito bonita. Só havia uma sala de aula, com classe multisseriada, mas como as crianças não têm tanta diferença de idade, a única professora da vila conseguia lecionar. A conversa com ela foi proveitosa, e ela disse que adaptaria as atividades aos pequenos para conseguir montar o jornal mural.

Em Itaquera, as brincadeiras puderam ser realizadas na oficina, como a do “telefone sem fio”. Dessa forma, foi possível conversar um pouco sobre como é importante checar a fonte das informações. A última comunidade foi Xixuaú. Em Xixuaú não moram professores, eles vêm de fora. Assim, a apostila foi entregue a um pai que participou de todas as brincadeiras com o filho. Ele se comprometeu em entregá-la a algum professor. Além disso, informações foram entregues para contato, mas o educador não enviou nenhuma mensagem ou ligação.

Considerações finais

Todos os professores que se mostraram empolgados, trocaram ideias, receberam doações de materiais escolares para o projeto, mas não enviaram respostas, e quem respondeu afirmou que não conseguiu implementar o projeto ainda. No entanto, eles prometeram que iriam implantar a ideia após as férias de julho. Os jovens querem e podem comunicar. A oficina realizada em um dia com a equipe de educação dos Doutores da Águas mostrou bons resultados nos desenhos e na compreensão do conteúdo que foi ensinado.

Por mais que o verbalizar e o autoconhecimento não sejam ferramentas estimuladas nas comunidades, com o tempo percebe-se o que os alunos querem dizer por meio de expressões, gestos e ações. As crianças têm muito conhecimento. Elas sabem exatamente o tempo que cada fruto precisa para ficar maduro e a melhor forma de colher cada um; qual urucum está com mais tinta ou menos; como pilotar uma voadeira (canoa motorizada); a melhor forma de caçar ou pescar cada animal; como fazer a comida; qual fruto é melhor para curar dor de barriga e outras enfermidades.

Dar um passo para trás, observar, escutar e aprender, antes de falar é fundamental. A informação e a comunicação não se encontram só nas palavras, elas também podem estar em gestos, expressões, sons e espaços. Há desejo de se expressar, se comunicar, se informar, de brincar, de aprender, mas também de ensinar. A oficina em abril mostrou que as crianças e adolescentes precisam e querem contar as suas histórias, da maneira que cabe à realidade. O Jornal Mural comunitário se expressa como uma ferramenta de transformação social, mas também como uma forma de empoderamento e autoconhecimento. Entretanto, é importante que seja uma troca mútua e justa. Às vezes, só o que falta não é entrar no universo deles, mas sim deixar que eles o apresentem.

Referências

MELO, José Marques de e ASSIS, Francisco de. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Intercom - RBCC**. São Paulo, v.39, n.1, p.39-56, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/interc/a/YYXs6KPXhp-8d7pRvJvnRjDR/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 30 de jul. de 2024.

PERUZZO, Cicilia. Observação participante e pesquisa-ação. In DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Método e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. ISBN-10: 8522445338, ISBN-13: 978-8522445332 São Paulo: Atlas, 2005.

PRÓSPERO, Danielle e PRANDINI, Paola. O papel do(a) educador(a) na comunicação comunitária. Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, Educação e Consumo, do **4º Encontro de GTs - Comunicon**, realizado nos dias 08, 09 e 10 de outubro de 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/36657475/O_papel_do_a_educador_a_na_comunica%C3%A7%C3%A3o_comunit%C3%A1ria?sm=b. Acesso em 30 de jul. de 2024.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação**. São Paulo: Comunicação & Educação, 2002.